

## PARECER B

# A Estabilização das Representações Criminais e Psicotrópicas dos Usuários e dos Usos da Maconha no Brasil<sup>1</sup>

*Ivan Fontes Barbosa<sup>2</sup>*

Completo em: 2021-09-13 06:20

Recomendação: Ver comentários

1. O título é compreensível e conciso e reflete o conteúdo do artigo:

2. O resumo é bem escrito, apresentando introdução, objetivos e conclusões, refletindo o todo do artigo.

3. As palavras-chaves estão adequadas ao artigo.

4. O artigo é escrito com linguagem e gramática adequada.

5. O artigo é bem estruturado e com argumentação coerente, com introdução, desenvolvimento, conclusão.

<sup>1</sup> <https://doi.org/10.21669/tomo.vi40.15888>

<sup>2</sup> Prof. Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UFPB. E-mail: emivanfontesbar-bosa@gmail.com

**6. O artigo utiliza formato e bibliografia adequados, com citações e notas concisas e coerentes.**

**7. O argumento é original e inovador para as Ciências Sociais e representa contribuição significativa para área:**

**8. Escreva seu parecer avaliativo conciso sobre o artigo argumentando sobre os pontos negativos e positivos.**

O artigo em pauta é uma excelente promessa realizada apenas parcialmente.

1) Em primeiro lugar, acuso a não existência de palavras-chave no arquivo disponibilizado, o que não permitiu avaliar este item.

2) No resumo há uma contradição que precisa ser resolvida: ao tempo em que está dito que "o processo de construção de um imaginário que migra o uso da maconha do viés medicinal e farmacológico para o criminal e toxicológico tem início na segunda metade do século XX", logo em seguida é afirmado que "foi a partir da década de 1930 e 1940 que as imagens que desqualificam os usos e usuários da maconha começam a circular". Há, portanto, nítido descompasso temporal entre as duas assertivas. Esta imprecisão permanece no corpo do trabalho, quando na sua parte I (Usos e representações sobre a Maconha na primeira metade do século XX) é afirmado no sétimo parágrafo que "mesmo sendo uma prática aceita e tolerada socialmente até meados de 1940, de um modo geral, as imagens criminais sobre a maconha começam a concorrer com as representações farmacológicas ainda durante o século XIX".

3) Creio ainda que a boa ideia sobre uma provável "estabilização" das imagens criminais sobre maconha se detém apenas (ou talvez excessivamente) às representações associadas às classes populares rurais e urbanas do Brasil das primeiras décadas do século XX, quando de fato boa parte dos autores arrolados no artigo como patologistas sociais colaboraram com a construção dessas representações que dominaram a interpretação do "maconhismo" brasileiro. O autor argumenta corretamente sobre o papel desses autores, mas, ao meu ver, homogeneiza demais a todos. Na verdade, havia núcleos de interesses não

totalmente integrados com os reformadores sociais que eram uma parte expressiva desses que, então, escreveram sobre o assunto. Me parece ser o caso de parte dos médicos e psiquiatras. O caso mais ilustrativo é o do sergipano Garcia Moreno, citado no artigo como alinhado aos demais, mas, nesse estudo mencionado (trata-se de "Aspectos do maconhismo em Sergipe") Garcia Moreno não encontra nos jovens delinquentes de Sergipe a fúria relatada na literatura internacional sobre o consumo de maconha em outras paragens, a ponto de afirmar que talvez isso se devesse à maconha nacional de um baixo teor de princípios ativos capazes de levar às famosas e fantasiosas "crises de Amok" sugeridas para os malaios e outros consumidores do haxixe. Também nenhum antropólogo é referido nesta revisão da literatura brasileira, o que ajudaria a entender um certo contrafluxo nesta tendência de criminalização (mesmo que com baixa influência social, é verdade). Gilberto Freyre, por exemplo, é o caso mais eloquente, referindo-se quase que obsessivamente em seus livros à maconha de modo não alinhado às representações hegemônicas do período, ou ainda Roger Bastide, Edison Carneiro e outros. Mas, reconheçamos, esse não é o enfoque central do autor. Mas a simples remissão à existência desta movimentação paralela seria, ao menos, um indicativo da existência de outras realidades discursivas sobre o tema no Brasil.

Assim, as representações negativas da maconha estão corretamente descritas quando vinculadas a índios, negros e caboclos, e depois às "classes urbanas perigosas", associadas às ocorrências policiais na imprensa. Mas, na verdade, na segunda metade do século XX teremos uma aproximação de imagens ligadas à contracultura hippie, à expressões no campo das artes, por um lado, e à subversão política, ou seja às ações políticas organizadas, por outro. Mesmo que em menor monta e/ou importância, nos parece que esses aspectos passam longe da reflexão do autor mais do que seria o caso; e assim não causa espanto que desconheça, ao menos neste artigo, as considerações que fez o antropólogo Gilberto Velho entre os termos "comunista" e "maconheiro" como categorias de acusação na sociedade brasileira à época do período do regime militar pós-64. Esses argumentos relativizariam, nos parece, a tese da presumida "estabilização" dessas representações sobre usos e usuários de maconha no Brasil. Não serão apenas os temores da criminalidade urbana violenta associada ao consumidor de Maconha que farão as vezes dos temores, do pânico, mas também o receio do desvio comportamental, da rebelião dos (bons) costumes, enfim, outros temas de apreensão e de representação social sobre as consequências do uso coletivo deste psicoativo.

4) Dito isto, me parece que o bom argumento do artigo deveria ser melhor explorado em seus desdobramentos posteriores à gênese do problema que, isso sim, está bem retrado pelo autor; mesmo que me pareça que ele retira dos dados que apresenta conclusões alargadas para o contexto presente, dando um salto temporal muito maior do que o processo real das transformações e complexidade cultural da segunda metade do século XX sugere, em escala tanto nacional quanto internacional para as práticas e as representações sociais em torno da maconha. O agente explorado, no caso a imprensa policial do passado, de há muito deixou de ser uma voz solitária e hegemônica - mesmo que o seu papel tenha sido estruturante e ainda perdure - ante os novos atores sociais que entraram nesse campo discursivo: empresários e indústrias do cânhamo, artistas, imprensa "alternativa", indústria cultural, enfim, o crescente mercado de bens materiais e simbólicos muito diverso, orbitando em torno da maconha e do seus cada vez mais diversos usos. deste modo, sugiro que o autor acrescente novas informações que atualizem o argumento ou, do contrário, relativize ou minimize, e melhor situe, o alcance de sua hipótese da estabilização dessas representações para a recepção social da maconha.

#### **Seu parecer é:**

Pela publicação com ressalvas (atendendo as observações de sua avaliação descritiva)

#### **Recomendação**

Ver comentários